

**Madrinhas e noiva
na festa do Menino
do Rancho. Arquivo
Grupo Tonã Toá,
2021.**

As sementes de resistência, espiritualidade e cultura do povo indígena Jeripankó

O povo indígena Jeripankó está concentrado no território do Alto Sertão de Alagoas, no município de Pariconha, onde vivem aproximadamente 450 famílias distribuídas em seis comunidades: Ouricuri (aldeia central), Tabuleiro, Figueiredo, Araticum, Serra do Engenho e Poço da Areia.

O município de Pariconha concentra a maior variedade de etnias indígenas do Alto Sertão de Alagoas. Além dos Jeripankó, ali estão os Karuazú e Katokinn. As três etnias descendem do povo Pankararu, que foi disperso do seu território pela violência, colonização e fome. A comunidade Ouricuri funciona como um grande agregador destes povos, recebendo famílias espalhadas por outras regiões para os rituais sagrados.

A demarcação do território Jeripankó representa uma das suas principais bandeiras de luta, pois a área que ocupam hoje é muito menor do que a do território tradicional, que vem sendo invadido por posseiros de forma violenta ao longo do tempo. Apenas parte dessas terras foram compradas pela FUNAI e estão em posse dos indígenas que habitam o aldeamento central, área que compreende o aldeamento de Ouricuri. Muitos dos recursos naturais que eles precisam estão dentro das terras tomadas pelos posseiros.

Muitas plantas nativas importantes na cultura Jeripankó, por exemplo, estão localizadas nas serras do entorno das aldeias e que hoje também estão nas mãos de posseiros. “Na direção do poente encontram-se as plantas medicinais de grande porte (Umburana de cheiro, Jurema de caboclo, Caatinga rasteira) e na direção do sol nascente colhe-se as plantas de pequeno porte a exemplo do velandinho de cheiro e outras ervas usadas para cura física e espiritual dos indígenas” relata, Ervison Wyrakitã (Evinho como é conhecido), um jovem Jeripankó, Secretário Municipal de Povos Indígenas e Quilombolas do município de Pariconha e membro do núcleo de juventudes da APOINME em Alagoas.



Apenas parte do território tradicional Jeripankó está em posse dos indígenas.

O **Croá** é uma planta da Caatinga e tem um papel importante na cultura do povo Jeripankó. Suas fibras são utilizadas na confecção da vestimenta do praiá, essencial em seus rituais. Há uma grande preocupação com o risco da sua extinção, pois não é de interesse dos fazendeiros da região e o acesso para a extração dessa planta depende do consentimento dos atuais posseiros.

As mulheres Jeripankó demonstram um profundo conhecimento de plantas para uso medicinal, espiritual e no artesanato: a Aroeira é usada para infecções ginecológicas e urinárias, o Meiru é uma semente símbolo de resistência usado no artesanato, e a Caraibeira é uma árvore que inspirou o nome do primeiro Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica de Alagoas, do qual agricultores Jeripankó fazem parte.



Dona Marlene mostra a Catinga de cheiro, planta usada para limpeza espiritual antes de entrar no terreiro para os rituais.



Cleide mostra a árvore de Imburana, utilizada para tratar infecções urinárias e ginecológicas

Guardiões de sementes

Seu Cícero Miranda é um dos descendentes de Zé Carapina e Izabel, os primeiros Jeripankós a chegar na região. Foi ele e a sua esposa, Dona Marlene, que fundaram o Banco Comunitário de Sementes do Sítio Ouricuri, com a função de preservar a agrobiodiversidade, a história e a tradição de seu povo.



Seu Cícero conta que uma de suas preocupações é preservar a diversidade genética das sementes crioulas, que vêm sendo passada de geração em geração. Ele reunia e armazenava variedades tradicionais de plantas e de sementes, compartilhando-as entre as famílias agricultoras da comunidade e promovendo as práticas de cultivo sustentáveis e ancestrais, a exemplo de deixar a terra descansar entre uma colheita e outra.

Em 2014, foi possível estruturar o Banco Comunitário de Sementes através do Projeto Sementes do Semiárido, executado pela Coppabacs (Cooperativa de Pequenos Produtores Agrícolas dos Bancos Comunitários de Sementes) e pela ASA (Articulação no Semiárido Brasileiro).



Seu Cícero mostra seu plantio com sementes crioulas.



Sementes crioulas

Seu Cícero afirma que, além de preservar o patrimônio genético ancestral, diminui também a dependência de sementes comerciais distribuídas pelo governo e promove a soberania alimentar.

Cleide é associada do banco de sementes e também uma artesã. Ela adora coletar sementes, penas de aves e outros materiais que encontra. “Eu vejo o artesanato e as sementes como uma graça divina. Meu trabalho vem da ciência dos ancestrais. Quando vejo uma semente ou um pedaço de madeira, logo imagino a forma que vou dar para elas, afirma dona Cleide.

Guerreiras Curi-croá é um grupo de mulheres Jeripankó dedicadas ao artesanato. Tanto Cleide quanto Ervison e o artesão Ulisses ministraram oficinas a exemplo de confecção de artefatos e adereços indígenas como; cocal, brincos, colares, pinturas em escolas ecológicas no início da fundação do coletivo de mulheres.

As guerreiras decidiram fazer o artesanato indígena e, a partir da organização das mulheres, atuam para promover a conscientização sobre questões sociais e políticas e para contribuir com o desenvolvimento econômico por meio do turismo e da venda de produtos artesanais.



As festas tradicionais



Festa do Umbu, ritual no qual se comemora a safra do fruto do umbuzeiro nas comunidades indígenas Karuzá, Jeripankó e Katokinn. Fotos: Apib.

A religiosidade Jeripakó é exercida por meio de rituais e festividades que conseguem manter as tradições e fortalecer os vínculos e a identidade do seu povo. Na aldeia Ouricuri, o tradicional Toré, a Festa do Umbu, a Queima do Cansação, o ritual do Menino do Rancho e a Festa de Santa Cruz costumam reunir mais de mil indígenas Jeripankó espalhados por outros territórios e zona urbana e povos de outras etnias.

Tonã Toa é um grupo cuja maioria dos integrantes são jovens que desenvolve atividades culturais dentro e fora da aldeia, como forma de manter preservada e viva a história, a memória e a cultura e tradição do povo Jeripankó. Tonã é um nome da língua própria que quer dizer “praiá” e toá é uma espécie de argila branca considerada sagrada para o povo Jeripankó utilizado para reprodução do grafismo corporal indígena durante rituais festivos na comunidade a exemplo da festa do umbú e menino do rancho, revela Ervison Wyrakitã coordenador do grupo Tonã - Toá.

Educação indígena e outras conquistas

Além da demarcação do território, a educação indígena é outra bandeira de luta importante para o povo Jeripankó. “Lutamos para que nossas escolas tenham de fato um ensino diferenciado, ou seja que pautado dentro do currículo educacional práticas Intercultural que leve a educação indígena para dentro dos muros da escola”, explica Ervison.

Evinho também comenta que foi graças à organização de seu povo que eles conquistaram o banco de sementes, o selo orgânico, cisternas de primeira e segunda água. “Por traz disso, tem nossa militância. A ASA trouxe vários programas, mas porque nosso povo estava lá resistindo. O pessoal da ASA têm um enorme respeito pela gente, nossa cultura e tradições, e esse reconhecimento também nos orgulha muito” frisa Evinho.